

## Religião e migrações

### *Uma panorâmica de recentes contribuições sobre o tema*

Roberto Marinucci

Os estudos sobre mobilidade humana, no passado, raramente levaram em conta a dimensão religiosa. Influenciadas por uma mentalidade marcadamente secularizada, a maioria das pesquisas interpretava a religiosidade apenas como um componente periférico das dinâmicas migratórias. Eventualmente, ela entrava em jogo – sobretudo como “problema” - no estágio da integração.

Esse menosprezo da dimensão religiosa era direta consequência, no mundo ocidental secularizado, da privatização do sagrado e sua decorrente expulsão da esfera pública. Dito de outra forma, a religião, que na época da cristandade orientava e tutelava a sociedade, agora é encaixotada na interioridade do ser humano, não constituindo mais, como sugere Danièle Hervieu-Léger<sup>1</sup>, um código de sentido que se impõe à sociedade inteira.

Além disso, acreditava-se que a relação com o sagrado estivesse influenciada ou até determinada por fatores psicossociais – tanto na ótica freudiana que marxiana. A religião é vagão, não é locomotiva. Ela é produto e não fonte de transformação. Não fica difícil, portanto, imaginar os motivos pelos quais as pesquisas sobre mobilidade humana menosprezaram o papel das religiões e da religiosidade do migrante nas dinâmicas migratórias.

Esse quadro começou a mudar nas últimas décadas, basicamente por duas razões. Em primeiro lugar, diante da crise das ideologias do final do milênio, ocorreu a assim chamada “volta ao sagrado”: a dimensão religiosa agonizante retomou fôlegos ou, nas palavras do Libânio, ocorreu a uma “chuva de deuses”<sup>2</sup>. Na realidade, o termo “voltar” não é correto, pois a explosão religiosa contemporânea tem profundas descontinuidades com as formas de crer do passado, como veremos mais adiante.

A segunda razão é representada pelos acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001: na época dos atentados, a fim de evitar uma possível senão provável demonização do Islamismo, muitos sugeriram que a razão dos ataques não fosse religiosa, e sim política. A religião seria como um cavalo de Tróia que esconde as verdadeiras razões dos conflitos. No entanto, como nos lembra Paul Bramadat<sup>3</sup>, esse pensamento ignora que para muitas das pessoas envolvidas nos ataques ou que os aprovaram “*this was an essentially religious event, a profound act in the ‘cosmic battle’*”.

---

<sup>1</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Il Pellegrino e il convertito*. La religione in movimento. Milano/Bologna: Il Mulino, 2003.

<sup>2</sup> LIBÂNIO, João Batista. *A religião no começo do milênio*. São Paulo: Loyola, 2003.

<sup>3</sup> BRAMADAT, Paul. A. “Religion, Social Capital, and ‘the Day that Changed the World’”, in *JIMI/RIMI*, v. 6, n. 2 (spring 2005) p. 212.

Longe de querer atribuir ao Islamismo, enquanto tradição religiosa, a intencionalidade dos ataques, não resta dúvida de que a dimensão religiosa pode influenciar dinâmicas sociais, tanto em sentido positivo quanto negativo. Em outras palavras, a ideologia que privatizava o religioso e o excluía da esfera social começa a entrar em crise: no bem ou no mal, as religiões institucionalizadas, assim como a religiosidade individual, têm uma influência marcante na vida de cada ser humano e da sociedade. A religião pode ser vagão, mas também locomotiva.

Enfim, não é possível analisar as dinâmicas migratórias sem levar em conta a dimensão religiosa, tanto em sua vertente institucionalizada, objetiva – a religião – quanto em sua vertente individual, subjetiva – a religiosidade.

### **1. O papel da religião e da religiosidade no percurso migratório**

Em geral, como já afirmamos, as questões religiosas foram levadas em conta apenas no estágio migratório da integração: em contextos caracterizados por uma forte uniformidade religiosa, a presença de membros de outras tradições pode ser interpretada como uma ameaça e dificultar o processo integrativo. É o caso, por exemplo, dos muçulmanos na Europa ocidental ou dos católicos na Índia.

No entanto, não seria correto reduzir o papel da religião e da religiosidade apenas ao estágio da integração. Nesse sentido, é interessante citar o trabalho de Jacqueline Hagan e Helen Rose Ebaugh<sup>4</sup> em que analisam o papel desenvolvido pela religião/religiosidade em migrantes maya pentecostais, oriundos dos altiplanos ocidentais da Guatemala, que vão para a cidade de Houston, nos EUA, passando de forma irregular pelo México.

Conforme essas pesquisadoras, a religião/religiosidade desenvolve uma função importante em seis estágios da migração: a decisão de migrar, a preparação da viagem, a travessia, a chegada, a integração e a formação de redes religiosas transnacionais. Assim, por exemplo, a decisão de migrar está sempre condicionada aos conselhos e premonições dos pastores pentecostais. Mencionam-se, inclusive, casos em que a viagem foi improvisamente adiada no estágio da preparação por causa de uma nova premonição da liderança religiosa.

As pesquisadoras sugerem que a religião não é a causa da migração – a extrema pobreza da região é, sem dúvida, um dos principais fatores – mas que a “autorização” das lideranças religiosas ou, melhor, o apoio divino é condição *sine qua non* da viagem. Assim, de acordo com um pastor entrevistado, “[...] porque o investimento é tão elevado, o risco tão grande e a passagem das fronteiras tão incerta, a maioria das pessoas na nossa

---

<sup>4</sup> HAGAN, Jacqueline; EBAUGH, Helen Rose. “Calling Upon the Sacred: Migrants’ Use of Religion in the Migration Process”, in *IMR*, v. 37, n. 4 (Winter 2003) 1145-1162.

comunidade que fazem esta viagem procura a intervenção divina em seu empreendimento”<sup>5</sup>.

As incertezas e os perigos do processo migratório são apontados como os principais fatores que favorecem a busca de um apoio divino. Corroborando essas afirmações, vale citar uma recente pesquisa realizada pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, em Brasília, junto a 150 migrantes internos atualmente residentes no Distrito Federal. De acordo com os resultados analisados por Ir. Leocádia Mezzomo<sup>6</sup>, cerca de 20% do total de migrantes entrevistados reconheceu que a própria fé em Deus aumentou após a jornada migratória, sobretudo em decorrência do enfrentamento de duras dificuldades: “Quando a gente está longe da família, mãe e pai a gente se apega mais em Deus”; “Busquei mais a Deus e a oração pessoal diante das dificuldades”; “Foi as dificuldades financeiras que fortaleceram a fé em Deus para superá-las”. É bom elucidar que a pesquisa detectou antes um aumento da fé/confiança pessoal em Deus do que uma maior participação em atividades da tradição religiosa.

Essas pesquisas, enfim, apontariam para uma proporcionalidade entre o aumento do apego a Deus e o as dificuldades da jornada migratória.

## **2. A religião como recurso no processo de integração**

Essas ponderações nos remetem à reflexão de Charles Hirschman<sup>7</sup>. De acordo com este autor, que analisa o papel da religião no processo de integração dos imigrantes nos EUA, a religião desenvolve geralmente uma tríplice função: “a centralidade da religião para as comunidades imigrantes pode ser resumido como a busca de *refúgio, respeitabilidade e recursos*”<sup>8</sup>.

O refúgio diz respeito à busca de segurança, de um abrigo diante do trauma da separação da família e da perda de importantes referenciais identitários. Assim, “a participação religiosa e as celebrações, muitas vezes, podem preencher o vazio psicológico e criar um sentimento de pertença e de comunidade para os recém-chegados”<sup>9</sup>, inclusive em continuidade com suas raízes culturais e seus idiomas.

Além disso, a participação comunitária – principalmente em tradições religiosas tipicamente estadunidenses – tem o potencial de modificar, em sentido positivo, o status social do imigrado que deixa de ser apenas o “estrangeiro” para tornar-se um respeitável membro da denominação religiosa.

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 1151.

<sup>6</sup> MEZZOMO, Leocádia. Religiosidade e percurso migratório. Disponível em: [http://www.csem.org.br/2009/religiosidade\\_e\\_percurso\\_migratorio\\_leocadia.pdf](http://www.csem.org.br/2009/religiosidade_e_percurso_migratorio_leocadia.pdf)

<sup>7</sup> HIRSCHMAN, Charles. “The Role of religion in the Origins and adaptation of Immigrants Groups in the United States”, in *IMR* v. 38, n. 3 (Fall 2004) 1206-1233.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 1224.

<sup>9</sup> *Idem*.

Finalmente, as religiões oferecem também importantes recursos e serviços para uma mais eficaz integração social dos imigrantes: assim, por exemplo, conforme Hirschman, os imigrantes e suas famílias vão à igreja para adquirir informações sobre habitação e oportunidades de emprego; igrejas e templos oferecem aulas para ajudar os imigrantes a aprender o inglês, lidar com os seus filhos “americanizados” e obter benefícios para os seus pais idosos.

Assim, infere Hirschman, “a combinação de conforto espiritual e assistência material culturalmente sintonizados reforça os atrativos da participação em associações e igrejas para os novos imigrantes nos Estados Unidos”<sup>10</sup>. Estamos diante de um sagrado funcional, cuja atração está em sua capacidade de oferecer respostas aos problemas de sentido e psicossociais do migrante.

Seja como for, muitos pesquisadores da religião na América do norte reconhecem o papel positivo desenvolvido pelas tradições religiosas sobretudo no processo de integração de imigrantes. É mediante e não apesar da religião que muitos imigrantes incorporam-se na sociedade americana.

### **3. A religião como empecilho no processo de integração**

Um pouco diferente é a abordagem que ocorre no continente europeu, onde, consoante um interessante trabalho de Nancy Foner e Richard Alba<sup>11</sup>, “a religião é geralmente vista como um problema e não a solução para as minorias imigradas”<sup>12</sup>. Esta reflexão está fortemente condicionada pelos desafios relacionados com a presença islâmica, cuja cultura é considerada, por alguns, inerentemente “irreconciliável” com a cultura ocidental, sobretudo em assuntos relacionados com a laicidade do estado.

Em suma, a religião do país de origem, longe de abrir as portas ao encontro com a cultura do país de chegada, fomenta formas de guetização e de fechamento, inclusive de cunho fundamentalista, que inviabilizam um sadio processo integrativo. Por outro lado, os pesquisadores apresentam também uma abordagem diferente que relaciona o aumento das tendências fundamentalistas ao crescimento da exclusão e discriminação vivenciadas sobretudo pelas segundas gerações de muçulmanos na Europa. Desta forma, a assunção do islamismo fundamentalista se torna “a way of marking their rejection of the European mainstream, which they perceive as condemning them to positions of inferiority”<sup>13</sup>. Ou seja, o radicalismo não seria algo inerente à tradição religiosa, e sim uma reação ao contexto hostil e conflitivo.

Esse clima de desconfiança é assim apresentado por Foner e Alba, “na Europa, os imigrantes muçulmanos devem enfrentar, por um lado, a maioria da população que é

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 1208.

<sup>11</sup> FONER, Nancy; ALBA, Richard. “Immigrant Religion in the U.S. and Western Europe: Bridge or Barrier to Inclusion?”, in *IMR* v. 42, n. 2 (Summer 2008) 360-392.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 368.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 373.

principalmente secularizada e, portanto, desconfiada em relação à religião e a suas exigências e, por outro lado, as instituições sociais e as identidades nacionais que continuam ancoradas em maneira significativa ao cristianismo e, nesse sentido, não oferecem o mesmo espaço para o Islã".

Permanece, portanto, a dúvida se a dificuldade de integração é inerente ao conflito "irreconciliável" entre o islamismo e a cultura européia ocidental ou, então, se a questão de fundo, como sugere Bramadat<sup>14</sup>, é a experiência de marginalização e "a exclusão da religião do debate público" que torna esses grupos islâmicos mais fechados diante de um mundo considerado inimigo e hostil.

### **Migração é câmbio de filiação religiosa**

Um último aspecto que desejamos levar em conta nesta reflexão é a relação entre migração e mudança de filiação religiosa. Tradicionalmente, as várias religiões consideraram os processos migratórios em duas diferentes perspectivas: por um lado, a migração representava um perigo, um risco para a fé dos migrantes – sobretudo daqueles que se deslocavam para terras onde a tradição religiosa não estava presente ou não estava suficientemente estruturada; por outro, a mobilidade geográfica de seus membros constituía uma oportunidade para a difusão e dilatação das religiões com pretensões missionárias e proselitistas.

A fim de potenciar os aspectos positivos e prevenir os possíveis prejuízos, várias tradições religiosas enviaram – e ainda enviam - lideranças e ministros para acompanhar a jornada migratória de seus fiéis. Essa prática comum atesta como a migração fosse interpretada como situação de risco. Daí a pergunta: as migrações incentivam a conversão a outra denominação religiosa? Há uma relação direta entre mobilidade humana e mobilidade religiosa? Não é fácil responder essa pergunta, pois há sempre o risco de gerar fáceis generalizações. No entanto, existem alguns estudos que podem aportar algumas importantes contribuições.

Alberto Antoniazzi, por exemplo, num trabalho em que analisou os resultados do Censo de 2000, sustenta que o número de católicos no Brasil diminuiu sobretudo nas periferias das grandes cidades, áreas com a intensa presença de migrantes.<sup>15</sup> Mais recentemente, a Fundação Getúlio Vargas, a partir dos microdados do Censo, tem confirmado que entre os brasileiros que residem fora do Estado em que nasceram a porcentagem de católicos é inferior de 5-7% em relação aos que não migraram.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> BRAMADAT, *op. cit.*, p. 207-209.

<sup>15</sup> ANTONIAZZI, Alberto. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 16-29.

<sup>16</sup> Segundo a Fundação Getúlio Vargas, entre os que não migraram de Estado os católicos representam 75,6% do total, enquanto entre os que migraram a porcentagem vai de 70,4%, entre os que migraram há mais de 10 anos, até 68,7% entre os que migraram a menos de 1 ano. Algo análogo acontece com a migração de município. A pesquisa completa pode ser encontrada em [www.fgv/cps](http://www.fgv/cps).

O sociólogo da religião Peter Berger<sup>17</sup>, alguns anos atrás, já apontava os “perigos” da migração para a manutenção da filiação religiosa da pessoa: “a realidade do mundo cristão depende da presença de estruturas sociais nas quais essa realidade apareça como óbvia e que sucessivas gerações de indivíduos sejam socializadas de tal modo que esse mundo será real para eles. Quando essa estrutura de plausibilidade perde a sua integridade ou a sua continuidade, o mundo cristão começa a vacilar e sua realidade deixa de se impor como verdade evidente”.

Portanto, como afirmamos em outro texto, “em ausência de interlocutores significativos, de instituições e papéis sociais objetivados, de rituais que previnam os riscos de esquecimento, a precariedade da construção social – e da própria religião – vem à tona e se multiplicam os riscos de anomia, bem como as possibilidades de conversão a uma nova cosmovisão que tenha uma estrutura de plausibilidade mais sólida no novo contexto social”<sup>18</sup>. A conversão – entendida como mudança de filiação ou, simplesmente, de paradigma religioso - é sempre possível, mas “aumenta com o grau de instabilidade ou descontinuidade da estrutura de plausibilidade em questão”<sup>19</sup>.

Recentemente, Olga Odgers Ortiz<sup>20</sup> tem voltado sobre essa questão num aprofundado estudo sobre imigrantes mexicanos nos EUA. A autora identifica quatro fatores que contribuem à formação de contextos favoráveis à mudança religiosa: “una mayor exposición a la diversidad religiosa, el distanciamiento de mecanismos tradicionales de control social, la vulnerabilidad asociada con la condición migratoria, y el proceso de redefinición de referentes identitarios, de normas y valores, que exige la incorporación a la sociedad receptora”<sup>21</sup>.

Mesmo assim, na conclusão do artigo, a autora, reconhece que, apesar de uma evidente relação entre deslocamento geográfico e algum tipo de mudança nas práticas e crenças religiosas, é extremamente difícil identificar padrões gerais e universais, sendo que a experiência da migração pode favorecer tanto a mudança de filiação religiosa quanto a revitalização de práticas tradicionais. Em outros termos, não há uma relação determinista e mecânica entre mobilidade humana e mobilidade religiosa.

Enfim, todos esses aportes, com enfoques diferentes, sugerem que o deslocamento geográfico gera um contexto favorável para algum tipo de mudança de filiação, prática ou crença religiosa, embora haja dificuldades em estabelecer padrões rígidos.

## Conclusão

---

<sup>17</sup> BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 59-60.

<sup>18</sup> MARINUCCI, Roberto. “Religião, alteridades e migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro”, in *REMHU*, v. XV, n. 28 (2007) p. 92.

<sup>19</sup> BERGER, *op. cit.*, p. 62.

<sup>20</sup> ODGERS ORTIZ, Olga. “Movilidades geográficas y espirituales: cambio religioso y migración México-Estados Unidos”, in *Economía, Sociedad y Territorio*, v. VI, n. 22 (2006), p. 399-430.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 405.

Estas rápidas reflexões sobre migrações e religião não têm caráter exaustivo. Por questões de espaço não foi possível aprofundar adequadamente os temas abordados. Além disso, deixamos de fora temas importantes, como, por exemplo, a questão das comunidades religiosas transnacionais.

Mesmo assim, esta abordagem panorâmica tentou evidenciar três aspectos fundamentais: em primeiro lugar, a impossibilidade de menosprezar a dimensão religiosa – objetiva e subjetiva – enquanto fator psicossocial que condiciona o ser humano e a sociedade e, no caso específico, as dinâmicas migratórias.

Em segundo lugar, mostramos que as religiões podem desenvolver um papel positivo, tanto para os migrantes quanto para as sociedades receptoras, desde que lhes sejam garantidos espaços legítimos de interlocução. Nas palavras de Paul Weller, “States that assign religions to the private sphere will impoverish themselves by marginalizing important social resources and might unwittingly be encouraging of those reactive, backward, and inward, looking expressions of religious life that are popularly characterized as fundamentalisms”<sup>22</sup>.

Finalmente, diante do histórico pavor de perder fiéis em decorrência dos deslocamentos geográficos, mostramos que as migrações constituem, sim, um espaço de mudança e conversão, mas não necessariamente no sentido de mudança de filiação religiosa. Nesse sentido, consideramos oportuno superar o tradicional medo das migrações, para assumir, de forma incondicional, o espaço da anomia como lugar teológico da presença reveladora e libertadora do Altíssimo. Assim, a “experiência migratória será tida antes como uma oportunidade para o enriquecimento humano e espiritual do fiel, do que uma ameaça. A conversão será buscada e promovida de forma incondicional, mesmo levando em conta os riscos de uma possível mudança de filiação religiosa”<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> WELLER, Paul. “Religions and Social Capital. Theses on Religion(s), State(s), and Society(ies): with Particular Reference to the United Kingdom and the European Union”, in *JIMI/RIMI*, v. 6. N. 2 (2005) p. 273.

<sup>23</sup> MARINUCCI, *op. cit.*, p. 104.